

GUERRA EUROPEIA: TROPAS RUSSAS AVANÇAM

Por Gabriel Camilli*



Um soldado de infantaria ucraniano da 110ª Brigada posa para uma foto em Avdeevka, região de Donetsk, Ucrânia (Viktor Biliak/Associated Press).

Um dos efeitos da Guerra na Ucrânia é que, aparentemente, a política na Europa é feita pela OTAN, enquanto a União Europeia procura fazer negócios.

Quase três semanas depois da conquista russa de Avdeevka, no leste da Ucrânia, prosseguem intensos combates na frente oriental. Desde então, as tropas russas continuaram a avançar na região e o Exército ucraniano tem lutado para estabilizar a frente ocidental da cidade.

O Exército ucraniano já teve que retirar-se de duas cidades menores, pelo que está perdendo mais território. No entanto, de acordo com o comandante-em-chefe ucraniano Stanislavovych Syrskyi, as tropas russas conseguiram ser expulsas de Horlivka. A Ucrânia também relata a derrubada de três caças-bombardeiros Su-34 russos. Na semana passada, os militares ucranianos anunciaram que a Rússia tinha perdido seis caças em três dias.

O Parlamento da UE está agora pressionando para que os mísseis de cruzeiro Taurus sejam entregues à Ucrânia. Em uma resolução juridicamente não vinculativa, a maioria votou a favor. O chanceler Olaf Scholz já havia se manifestado contra a entrega do referido míssil.

Em seu discurso anual do Estado da União, o presidente russo Vladimir Putin acusou o Ocidente de criar um risco de conflito nuclear. Ele alertou contra o envio de tropas ocidentais para a Ucrânia: as consequências de tal medida seriam trágicas e a Rússia possui armas que também poderiam atingir alvos em território ocidental, disse Putin.

MUNIÇÃO E PESSOAL

Poderá a Ucrânia impedir o avanço russo? Do que Kiev precisa para deter este avanço?

O Exército ucraniano continua a se queixar da falta de munições e de pessoal. O presidente Volodymyr Zelensky criticou o apoio insuficiente do Ocidente e o desvio das entregas reais de armas relativamente às prometidas: por exemplo, menos de um terço dos projéteis de artilharia prometidos pela UE foram entregues até agora. Falta equipamento militar e munições para continuar a defender-se dos ataques russos na frente. Além da alarmante falta de recursos humanos, ou seja: falta de tropas.

O Senado dos EUA aprovou um pacote de ajuda de bilhões de dólares para a Ucrânia em meados de fevereiro, mas a Câmara dos Representantes, dominada pelos republicanos, continua a bloquear o pacote. Os fundos do último pacote de ajuda dos EUA, do final de 2023, estão quase esgotados.

Na cúpula da Ucrânia em Paris, a República Tcheca anunciou que iria entregar 800.000 projéteis de artilharia. Até agora, 15 países indicaram que pretendem apoiar financeiramente o projeto. Os chefes de governo dos Países Baixos e da Bélgica confirmaram recentemente que disponibilizariam 100 milhões de euros e 200 milhões de euros, respectivamente.

SEM PERSPECTIVA DE SAÍDA

O problema substancial permanece: quanto tempo pode durar uma crise ucraniana que parece não ter saída? Este debate vai além do próximo passo na legitimação do trabalho das forças especiais que responsáveis anônimos da defesa europeia falaram ao *Financial Times*. E refere-se ao caráter instrumental dos objetivos em nome dos quais a guerra na Ucrânia continua depois de estar praticamente morta do ponto de vista estratégico.

É do interesse da Rússia manter sua população e seu sistema econômico mobilizados para testar a sua resistência e resiliência; Washington e Londres têm o firme objetivo de romper o eixo russo-europeu, mas não transferir o centro de gravidade da União Europeia para os fiéis gendarmes atlânticos da nova Europa.

Paris e Berlim permanecem no meio, cujo eixo foi seriamente ameaçado pela tempestade de dois anos na Ucrânia, mas as ambições de centralidade permanecem inalteradas. E com sua discussão acalorada sobre o apoio à Ucrânia, Emmanuel Macron e Olaf Scholz revelam as ambições das principais potências europeias, para cujos governos, talvez deva ser admitido, a pacificação parece

menos conveniente politicamente do que foi nos primeiros dois anos de guerra. Interesses e mais interesses...

Enquanto isso, os fantasmas invisíveis continuam na Ucrânia. Eu já havia comentado em 8 de maio de 2022 em um artigo no La Prensa que: *“A guerra na Ucrânia pode ser analisada seguindo dois fios diferentes, mas entrelaçados. Podemos afirmar com certeza que o segundo destes aspectos influencia fortemente o primeiro. De que estamos falando? Se na superfície é mais ou menos visível – apesar do efeito distorcido da inevitável propaganda cruzada e da ‘névoa da guerra’ – o conflito bélico nu e cru, composto de bombas, avanços, combates e batalhas, no fundo há outro conflito liderado pela inteligência e outras forças não tão visíveis.*

Um conflito, este último, travado na ponta dos dedos pelos serviços secretos ocidentais, muito ativos desde o início das hostilidades para fornecer a Volodymyr Zelensky indicações e sugestões vitais que permitam a Kiev conter o avanço do Exército russo. Mas isso não é tudo, porque as forças especiais estrangeiras também estão ativas apoiando os ucranianos em sua resistência contra Moscou – como a alegada presença de membros pertencentes ao SAS – que atuam sob a proteção de empresas contratantes. E a mesma coisa acontece do lado russo, à sua maneira.”

Isto foi renovado hoje em dia em alguns meios de comunicação ocidentais através do seguinte anúncio: *“A Alemanha inicia uma investigação sobre as conversas que vazaram sobre o ataque à ponte da Crimeia”*. A primeira reação de Berlim às recentes revelações de que generais alemães discutiram ajudar a Ucrânia a atacar a Rússia foi lançar uma investigação sobre a forma como a gravação foi divulgada.

A editora-chefe da RT, Margarita Simonyan, publicou pela primeira vez uma transcrição da conversa entre oficiais superiores da Luftwaffe discutindo o assunto, seguida por uma gravação de áudio de 38 minutos. *“Estamos verificando se as comunicações dentro da Força Aérea foram interceptadas”*, disse um porta-voz do Ministério da Defesa alemão ao Bild. *“Não podemos dizer nada sobre o conteúdo das comunicações que aparentemente foram interceptadas.”* O Escritório Federal de Contraespionagem Militar (BAMAD) *“iniciou todas as medidas necessárias”*, disse o ministério em resposta a uma investigação da agência de notícias estatal DPA.

Entretanto, a Bundeswehr também recorreu à censura. Várias contas no X (antigo Twitter) que distribuíam a gravação foram bloqueadas na Alemanha na noite de sexta-feira. O Bild afirmou que “parece óbvio” que espiões russos “ou um de seus associados” estavam por trás da gravação.

O áudio de 38 minutos é datado de 19 de fevereiro e apresenta quatro oficiais superiores da Força Aérea Alemã (Luftwaffe).

As autoridades levantaram a hipótese de que a Alemanha enviaria até 50 mísseis Taurus de longo alcance para a Ucrânia e as formas pelas quais a Luftwaffe poderia fornecer aos ucranianos informações de direcionamento sem parecer estar diretamente envolvida no conflito com a Rússia.

Eles também notaram a obsessão dos ucranianos em atacar a Ponte do Estreito de Kerch, observando que sua importância era principalmente política e não militar. A certa altura, o tenente-general Ingo Gerhartz, inspetor-geral da Luftwaffe, admitiu que os mísseis “não mudarão o curso da guerra”, enquanto outro oficial expressou dúvidas de que mesmo 20 ataques de Taurus pudessem destruir a ponte.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Parlamento russos anunciaram que exigirão uma explicação de Berlim. O governo do chanceler Olaf Scholz não comentou oficialmente a ligação interceptada.

“A guerra é a continuação da política por outros meios”, nos diz Clausewitz, mas na UE parece que não existe um objetivo claro e é assim que a guerra acontece para a pobre Ucrânia, aos trancos e barrancos...

É cada vez mais claro que existe um fosso entre os líderes da beligerante e hiperatlântica União Europeia e muitos governos nacionais. Macron continua a sonhar com o exército europeu, Scholz teme uma escalada, a Polónia quer um Exército nacional forte, a República Checa e a Hungria dissociam-se sempre que podem, nos Países Baixos o governo não é criado para não ter que entregá-lo a um Geert Wilders pró-Rússia, a Finlândia pede aos EUA que enviem fuzileiros navais, os países bálticos atuam como provocadores convencidos de que a Aliança Atlântica lhes proporcionará imunidade. É um dos muitos efeitos desta guerra. A política na Europa é feita pela OTAN. A UE tenta fazer negócios...

Publicado em [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel-major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
